INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO - IFGOIANO

CAMPUS MORRINHOS

PÂMELA OLIVEIRA DUARTE

ESTEREÓTIPOS EM TORNO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISTA (TEA): UMA ANÁLISE FÍLMICA

MORRINHOS

2024

PÂMELA OLIVEIRA DUARTE

ESTEREÓTIPOS EM TORNO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA ANÁLISE FÍLMICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Morrinhos.

Orientadora: Profa. Laís Alice Oliveira Santos.

MORRINHOS

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/IF Goiano Campus Morrinhos

D812e Duarte, Pâmela Oliveira.
Estereótipos em torno do Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma análise fílmica. / Pâmela Oliveira Duarte. – Morrinhos, GO: IF Goiano, 2024.
42 f.: il.

Orientadora: Dra. Laís Alice Oliveira Santos.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal Goiano Campus Morrinhos, Licenciatura em Pedagogia, 2024.

1. Transtorno do Espectro do Autista (TEA). 2. Educação inclusiva. 3. Diversidade. I. Santos, Laís Alice Oliveira. II. Instituto Federal Goiano. III. Título.

CDU 376.7

Fonte: Elaborado pela Bibliotecária-documentalista Morgana Guimarães, CRB1/2837

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO

PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

- ☐ Tese (doutorado)
- ☐ Dissertação (mestrado)
- ☐ Monografia (especialização)
- ☑ TCC (graduação)
- ☐ Artigo científico
- ☐ Capítulo de livro
- ☐ Livro
- ☐ Trabalho apresentado em evento
- ☐ Produto técnico e educacional - Tipo:

Nome completo do autor: Pâmela Oliveira Duarte

Matrícula: 2017104221310344

Título do trabalho:

ESTEREÓTIPOS EM TORNO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA ANÁLISE FÍLMICA.

RESTRIÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

Documento confidencial: ☑ Não ☐ Sim, justifique:

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: ___/___/___

O documento está sujeito a registro de patente? ☐ Sim ☑ Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? ☐ Sim ☑ Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara:

• Que o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;

• Que obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autoria, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;

• Que cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Morrinhos — Local

09 / 10 / 2024 — Data

Pâmela Oliveira Duarte

Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Ciente e de acordo:

Assinatura do(a) orientador(a)

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Formulário 101/2024 - CCEG-MO/CEG-MO/DE-MO/CMPMHOS/IFGOIANO

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CURSO

No dia 02 de outubro de 2024 , às 15:45 horas, nas dependências do Instituto Federal Goiano, Campus Morrinhos, ocorreu a banca de defesa do trabalho de curso (TC) intitulado: "Estereótipos em torno do transtorno do Espectro do Autista (TEA): uma análise fílmica" do(a) aluno(a) Pâmela Oliveira Duarte, sob a orientação do(a) professor(a) Laís Alice Oliveira Santos do Curso Superior de Pedagogia. A banca de avaliação foi composta pelas professoras Dra. Sangelita Miranda Franco Mariano e Esp. Weverton Oliveira da Silva Libanio. A palavra foi concedida à estudante para a apresentação oral do TC, houve arguição da candidata pelos membros da banca examinadora. Após tal etapa, a banca examinadora decidiu pela APROVAÇÃO da estudante. Ao final da sessão pública de defesa foi lavrada a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Profa. Dra. Laís Alice Oliveira Santos

Orientadora

Profa. Dra. Sangelita Miranda Franco Mariano

Membro

gov.br Documento assinado digitalmente
WEVERTON OLIVEIRA DA SILVA LIBANIO
Data: 04/10/2024 19:56:04-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Esp. Weverton Oliveira da Silva Libanio

Membro Externo

Documento assinado eletronicamente por:

- Sangelita Miranda Franco Mariano, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 03/10/2024 15:36:39.
- Lais Alice Oliveira Santos, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 03/10/2024 14:37:08.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 03/10/2024. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/ e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 640170
Código de Autenticação: f8de25aab0

INSTITUTO FEDERAL GOIANO
Campus Morrinhos
Rodovia BR-153, Km 633, Zona Rural, SN, Zona Rural, MORRINHOS / GO, CEP 75650-000
(64) 3413-7900

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão em primeiro lugar, a Deus, por ter me dado forças e porções de graça e misericórdia durante o curso e escrevendo o trabalho, por demonstrar sua bondade sem fim para comigo. À Deus que tem sido meu descanso e consolo, que é fiel e sempre cumpre suas promessas.

Aos meus pais, irmã e amigos que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo apoio e palavras de incentivo nos momentos de dificuldade. Sua compreensão e amor foram essenciais para que eu pudesse me dedicar plenamente a esta jornada.

A professora Dra. Laís Alice Oliveira Santos, por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação, sempre disponível e com paciência, para me ajudar nesse caminho. Suas valiosas sugestões e críticas construtivas foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Também estendo esse agradecimento aos demais professores pela excelência da qualidade técnica de cada um.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, colaboraram para a concretização deste sonho. Cada ajuda, cada conversa e cada incentivo foram muito importantes para mim.

RESUMO

O Presente trabalho analisou os estereótipos em torno do transtorno do espectro do Autista (TEA) por meio de uma análise fílmica. Podemos definir esses estereótipos como percepções preconceituosas e simplificadas que muitas vezes distorcem a realidade da condição. Esse assunto impacta diretamente o desenvolvimento de uma educação inclusiva e valer os direitos da pessoa com o Transtorno do Espectro do Autismo. O objetivo do presente estudo foi investigar os estereótipos criados em torno da pessoa com TEA no contexto escolar, sob a percepção da produção fílmica. Para tanto, foi realizada uma revisão da literatura técnico-científica e uma análise fílmica, na perspectiva de sumarizar e apresentar os resultados de diferentes pesquisas ligadas ao tema, Além de uma pesquisa sobre os filmes que abordassem sobre o TEA em contexto escolar. Os resultados das análises feitas apontam que por meio das produções fílmicas é possível disseminar mitos a respeito da pessoa com TEA, na perspectiva de uma ideia normalizadora, isso quando essas produções são elaboradas sob o olhar dos conceitos pré estabelecidos, já quando ela se propõe a apresentar os aspectos das pessoas autistas que mesmo estando sob o mesmo diagnósticos, são diferentes, essas produções podem ser valiosas ferramentas para uma reflexão de reconhecimento das singularidades de cada indivíduo no espectro valorizando suas habilidades e talentos únicos.

Palavras-chave: TEA, Estereótipos, Educação Inclusiva

ABSTRACT

This paper analyzed the stereotypes surrounding Autism Spectrum Disorder (ASD) through a film analysis. We can define these stereotypes as prejudiced and simplified perceptions that often distort the reality of the condition. This issue directly impacts the development of inclusive education and the rights of people with Autism Spectrum Disorder. The aim of this study was to investigate the stereotypes created around people with ASD in the school context, from the perspective of film production. To this end, a review of the technical-scientific literature and a film analysis were carried out, with a view to summarizing and presenting the results of different studies on the subject, as well as a survey of films that dealt with ASD in a school context. The results of the analysis show that through film productions it is possible to disseminate myths about people with ASD, from the perspective of a normalizing idea, when these productions are made from the point of view of pre-established concepts, while when they set out to present aspects of autistic people who, even though they are under the same diagnosis, are different, these productions can be valuable tools for reflection on recognizing the singularities of each individual on the spectrum, valuing their unique abilities and talents.

Keywords: ASD, Stereotypes, Inclusive Education

SUMÁRIO

1 MINHA TRAJETÓRIA **6**
2 INTRODUÇÃO **7**
2.1 OBJETIVOS **9**
2.1.1 OBJETIVO GERAL **9**
2.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS **9**
2.2 METODOLOGIA **9**
Tabela 1 ..... **11**
3. COMPREENDENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO **11**
3.1 BREVE ESTUDO SOBRE A ETIOLOGIA DO AUTISMO **12**
3.2 CARACTERÍSTICAS E DIAGNÓSTICO SOBRE O TEA **14**
3.3 TRATAMENTO PARA O TEA **17**
4. EDUCAÇÃO INCLUSIVA E OS DIRETOS DA PESSOA COM TEA **19**
5. AUTISMO E OS ESTERIÓTIPOS RETRATADOS EM FILMES **24**
5.1 MIRACLE RUN **25**
5.2 EM UM MUNDO INTERIOR **30**
6. CONCLUSÃO **34**
7. REFERÊNCIAS **35**

1 MINHA TRAJETÓRIA .

Quando ingressei no curso de Pedagogia no IF-Goiano em 2017, não sabia muito bem sobre o que escolheria para realizar o trabalho de conclusão do curso, ainda era muito vago e cheio de opções. Durante os períodos fui percebendo que havia uma grande lacuna quando o assunto era educação para crianças atípicas e crianças com deficiência. Aprendíamos muito em como ter uma educação orgânica e significativa com crianças típicas, como se fôssemos encontrar só alunos sem nenhuma deficiência, e quando era falado sobre a educação especial e inclusiva era citado superficialmente sobre a importância, mas não com profundidade. De alguma maneira isso me intrigava muito e me questionava, sobre o que faria se lecionasse à um aluno com deficiência?

No ano de 2018/2019 fui bolsista pelo programa Residência Pedagógica no curso de pedagogia, e esta experiência de inserção no espaço escolar reforçaram os meus questionamentos. Vivenciando a realidade escolar fiquei mais convencida de que a escola e alguns professores não estão preparados para lidar com alunos com deficiências.

Contudo, surgiu a oportunidade de vivenciar de perto o dia a dia, em um espaço escolar que além dos alunos que não eram deficientes também recebiam crianças que eram, e isso fez com que pudesse entender melhor e conhecer as possibilidades. No ano de 2022 morando na cidade de Caldas Novas iniciei um estágio oferecido pela prefeitura do município, que não era o obrigatório do curso de pedagogia, como profissional de apoio escola[1].

O estágio foi em uma creche e na sala em que atuava tínhamos dois alunos atípicos, ambos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e um deles também com Transtorno Desafiador Opositor (TOD) na faixa etária de 2 a 3 anos. As atividades em que era atribuída envolvia dar banho, trocar, cuidar da alimentação de ambos os alunos ficavam apenas no período matutino na instituição. Porém é importante citar que apesar de minhas atribuições serem essas, por se tratar de crianças pequenas, não era apenas isso que acontecia, na verdade o papel que eu desempenhava era de monitora infantil[2], auxiliando a professora regente com todas as crianças da sala.

Essa experiência fez com que pesquisasse e me interessasse mais sobre a forma que deveria lidar com essas duas crianças no dia a dia. Era desafiador, pois ambas as crianças eram

---

[1]O papel desse profissional é auxiliar o aluno em atividades de alimentação, higiene e locomoção com deficiência. Atuando com auxilio em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessário, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas.

[2] A Monitora Infantil atua no auxílio do planejamento e acompanhamento das aulas com a professora, na produção de materiais para as aulas com turma, e auxiliá-los nas atividades ou em dúvidas.

não verbais, e uma delas não comia por causa da seletividade alimentar. Estive nessa instituição por quase um ano e eu conheci pessoas que realmente se importam em proporcionar um ambiente acolhedor e que desenvolve a criança, como a professora regente da sala que é pós-graduada em neuropsicopedagogia. Pude aprender muito com ela.

No ano de 2023 voltei a morar com meus pais na cidade de Rio Quente e a prefeitura também estava contratando por meio processo seletivo para um estágio remunerado. Esse em específico era para ser apoio escolar de crianças com deficiências, físicas e cognitivas, na escola da cidade, tanto na educação infantil como na educação fundamental 1 e 2. Fui direcionada a acompanhar uma criança com o diagnóstico de TEA no 6° ano do fundamental 2, e em 2024 continuo com o mesmo aluno agora no 7º ano do fundamental 2. Apesar de teoricamente ter que acompanhar apenas esse aluno, por só ter ele com laudo na sala, acompanho outros alunos que apresentam dificuldades, mas não tem laudo ou não está em investigação, então esses alunos recebem também o meu apoio, no total acompanho 3 alunos.

Não consigo descrever com precisão quando foi exatamente o momento em que escolhi me envolver na educação especial, pode ser que tenha sido por causa do trabalho e conviver diretamente com pessoas com deficiências, ou talvez tenha sido ela que tenha me encontrado e de alguma maneira me fez trilhar esse caminho, o qual me encontro envolvida com muito gosto. Lembro-me de ver um filme que se chama "Como estrelas na terra: toda criança é especial"[3] e de pensar que eu queria ser uma professora assim, queria dar ouvidos a quem não é ouvido, queria dar atenção e ajudar a chegarem alto. E vi na pesquisa, o caminho investigativo para me formar como professora pesquisadora, que busca na relação entre teoria e prática, conhecimentos, vivências, reflexões que me levem a contribuir com uma educação verdadeiramente inclusiva

2 INTRODUÇÃO.

O presente trabalho, intitulado "Estereótipos em torno do Transtorno do Espectro do Autista (TEA): uma análise fílmica", aborda a complexidade envolvida na compreensão da diversidade de manifestações do autismo. A falta de entendimento sobre as características específicas do modo de ser e de viver de pessoas com TEA contribui para a disseminação de mitos e estereótipos, o que, por sua vez, dificulta a inclusão social dos autistas (Lemos; Leandro; Rocha, 2021).

[3] O filme conta a história de uma criança que sofre com dislexia e não é compreendida pelos professores e pais. Filme de 2007. Drama; Direção: Aamir Khan e Amole Gupte; País: Índia.

A importância de estudar esse tema reside em sua grande relevância na sociedade e em especifico na esfera da educação, sendo fundamental para promover a conscientização e desmistificar percepções equivocadas que afetam a vida das pessoas autistas e de suas famílias. Estereótipos desse tipo frequentemente perpetuam preconceitos, desinformação e exclusão, dificultando oportunidades de inclusão, especialmente no contexto educacional. Parte da formação docente envolve preparar-se para compreender as possíveis realidades que podemos encontrar em sala de aula, valorizando as singularidades de cada indivíduo.

No entanto, um dos problemas relacionados a esse tema é entender quais estereótipos são comumente associados ao TEA e qual é o impacto desses estereótipos na inclusão e aceitação dos indivíduos na sociedade. Nesse contexto, o desenvolvimento de uma revisão da literatura sobre o tema proposto pode contribuir para a solução desses problemas, uma vez que revisões têm a função de proporcionar uma análise mais aprofundada sobre determinado assunto a partir de diferentes perspectivas, auxiliando em sua compreensão (Rother, 2007).

As pesquisas sobre o TEA no contexto educacional têm ganhado cada vez mais relevância, e podemos observar que, no cinema, esse tema também tem sido amplamente abordado. Portanto, para a análise foi escolhido dois filmes que abordavam o tema TEA, foi decidida pela escolha desses dois filmes em especifico por que um foi lançado em 2004, que nos mostra uma perspectiva diferente, e é baseado em fatos reais, e o outro em 2017 que por ser um documentário e produzido no Brasil, nos traz um olhar pessoal dos envolvidos. Ambos os filmes passaram nos critérios de inclusão decidido para a análise, e também apresenta aspectos muito parecidos, como o envolvimento familiar nas narrativas das produções. Além disso foi decidido limitar em dois filmes para facilitar a análise.

Nesse sentido, entendemos que filmes que tratam sobre o autismo podem ser utilizados como ferramentas para a compreensão e sensibilização acerca dessa condição, contribuindo para a reflexão e discussão sobre estratégias de inclusão e apoio a indivíduos autistas. Eles oferecem insights sobre as experiências e desafios vivenciados por pessoas com autismo, além de fornecer reflexões sobre práticas educacionais que podem favorecer seu desenvolvimento.

A produção cinematográfica utiliza uma variedade de estratégias para impactar o público, como ângulos e movimentos de câmera, efeitos sonoros e de iluminação, trilha sonora, diálogos e edição. Ao trazer essas produções para o contexto acadêmico e científico, educadores e pesquisadores têm a oportunidade de vivenciar experiências reflexivas. A análise fílmica é uma abordagem micro analítica baseada em observação indireta e sistemática, permitindo a coleta e análise de dados diretamente e indiretamente observáveis. Essa abordagem oferece a

possibilidade de decodificar símbolos e comportamentos apresentados pelos personagens, auxiliando na compreensão e reflexão sobre questões de pesquisa (Leite *et al.*).

Após a introdução e contextualização do tema em questão, torna-se fundamental realizar uma revisão bibliográfica sobre o tema, reunindo as informações mais relevantes publicados, contribui para a ampliação dos conhecimentos dos leitores, pois as revisões têm a função de preencher as lacunas existentes na literatura (Cordeiro, 2007). Assim, a justificativa para a realização deste trabalho reside na descrição de estudos que adotam diferentes abordagens metodológicas sobre o tema, apresentando descritivamente seus resultados.

Por fim, esta análise propõe uma reflexão sobre os estereótipos e suas consequências, buscando não apenas compreender como o TEA é representado nos filmes, mas também explorar como essas representações podem ser transformadas para contribuir com uma compreensão mais precisa e inclusiva do autismo. Ao evidenciar tanto os problemas quanto as possibilidades de representação, este estudo visa enriquecer o diálogo sobre o autismo e suas complexidades, promovendo maior conscientização e aceitação social.

2.1 OBJETIVOS.

2.1.1 OBJETIVO GERAL.

Investigar os estereótipos criados em torno da pessoa com TEA no contexto escolar, sob a percepção da produção fílmica.

2.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.

- Descrever e analisar filmes que abordam essa temática com ênfase no contexto escolar;
- Identificar os estereótipos presentes nos filmes selecionados;
- Compreender as especificidades dos estereótipos relacionados a crianças com TEA;
- Problematizar as características expressas nos filmes em relação ao TEA.

2.2 METODOLOGIA.

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa que busca compreender e interpretar os fenômenos sociais e humanos a partir de uma perspectiva subjetiva. Enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite os investigadores desenvolvam trabalhos que explorem novos enfoques concentrando-se na compreensão dos significados, percepções e experiências dos participantes. Nesse sentido, o pesquisador pode utilizar diferentes tipos de técnicas e instrumentos para coletar e interpretar

os dados, buscando captar as várias possibilidades que envolvem os seres humanos e suas complexas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes. (Godoy, 1995)

Para este trabalho, optou-se pela análise de documentos visuais, especificamente a análise fílmica. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais completa e contextualizada dos fenômenos sociais, permitindo a identificação de padrões, relações e significados implícitos. A análise cinematográfica foi escolhida pela relevância do tema e por ser uma metodologia adequada para explorar a representação do autismo, permitindo uma abordagem sensível e crítica sobre a temática. Os filmes oferecem insights sobre as experiências e desafios vivenciados por pessoas com autismo, bem como reflexões sobre as práticas educacionais que podem contribuir para o seu desenvolvimento (Dias, Castilho; Silveira, 2018).

Para a construção do referencial teórico, foi realizado um levantamento bibliográfico em artigos, livros, dissertações e teses nas bases de dados Scielo, Google Acadêmico e Periódicos Capes. Além das bases acadêmicas, também foram consultados sites, jornais e revistas. Esses materiais ajudaram a compreender o TEA em seus aspectos históricos, clínicos e educacionais, ampliando a leitura e a capacidade de interpretação dos filmes. A busca pelos filmes analisados foi feita por meio do navegador Google, utilizando palavras-chave como: “Filmes sobre TEA”, “Autismo”, e “Filmes que abordam o autismo”. Em seguida, todos os filmes encontrados foram listados para a leitura das sinopses, e aplicaram-se critérios de inclusão e exclusão a fim de selecionar os títulos mais coerentes com o foco da pesquisa. Durante as pesquisas dos filmes foram encontrados 19 filmes que tinham como foco principal o TEA.

Como critérios de inclusão para a seleção de filmes e/ou documentários neste estudo, definiu-se que deveriam retratar um indivíduo com TEA em contexto escolar, ou que mencionassem a participação e interação do sujeito com autismo na escola/sala de aula. A escolha dos filmes a partir desses dois critérios-chave — o sujeito com TEA e o ambiente escolar — coaduna com o objetivo de investigar os estereótipos construídos em torno do sujeito com TEA no contexto educacional.

Já os critérios de exclusão foram: a) filmes sem relação com o espaço escolar; b) indisponibilidade gratuita do material; c) filmes sem legenda ou dublagem em português. Dessa forma após as buscas dos filmes, foi decidida pela escolha de dois filmes em especifico pois o lançamento do primeiro foi em 2004, que nos mostra uma perspectiva diferente, em uma época diferente, mesmo baseado em fatos reais, e o outro em 2017, quem tem onze anos de diferença para o primeiro, por ser um documentário e produzido no Brasil, nos traz um olhar pessoal dos envolvidos. Ambos os filmes passaram nos critérios de inclusão decidido para a análise, e

também apresenta aspectos muito parecidos, como o envolvimento familiar nas narrativas das produções. Além disso foi decidido limitar em dois filmes para facilitar a análise.

Portanto como resultado desse processo de seleção, foi construída uma tabela com as produções fílmicas que serão analisadas nesta pesquisa:

Tabela 1: Lista de filmes sobre autismo analisado no TC

Título do filme ou documentário	Ano de produção	Local de produção	Breve apresentação dos filmes analisados
Uma viagem inesperada	2004	Estados Unidos da América (EUA)	Corinne é uma mãe solteira de gêmeos de cinco anos de idade, Steven e Phillip, que são autistas. Funcionários da escola pública ameaçam retirá-los devido aos seus comportamentos, mas, por meio de terapia, os meninos começam a fazer grandes avanços.
Em um Mundo Interior	2017	Brasil	O documentário registra a vida de famílias de classes sociais e regiões distintas cujos filhos manifestam transtornos sensoriais ou cognitivos, buscando compreender a percepção do mundo pelo ponto de vista de jovens com Transtornos do Espectro do Autismo.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Para a análise fílmica, assistimos aos filmes uma primeira vez para entender todo o enredo, depois assistimos por uma segunda vez, realizando pausas de modo que realizamos anotações e cópias de trechos que representassem a trajetória dos personagens apresentados e respondessem as questões, como: o processo de diagnóstico e tratamento, a relação da pessoa com TEA com a escola e a família, além dos estereótipos associados a indivíduos com TEA no ambiente escolar. Durante a exibição dos filmes, foram realizadas uma tabulação dos dados a partir das anotações feitas, para depois realizar as análises com o intuito de compreender sobre as representações construídas sobre a pessoa com TEA.

Este trabalho estruturado em três capítulos. No primeiro iremos entender melhor sobre o TEA, um breve percurso histórico sobre a etiologia, pautados no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais o DSM-5 e o que ele aponta sobre o diagnóstico e tratamento para o TEA. No segundo capitulo, abordaremos sobre a perspectiva de uma educação inclusiva e como esse direito de uma educação de qualidade é para todos. Portanto no terceiro e último capitulo realizaremos as analises fílmicas e o resultado dessas discussões.

3. COMPREENDENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Compreender o TEA envolve reconhecer a diversidade das manifestações do transtorno. E para essa compreensão entenderemos o que é o Transtorno do Espectro do Autista, como surge a ideia de nomear esse transtorno, assim se ele tem uma causa comprovada ou não. Entendendo o processo de diagnóstico e tratamento de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais o DSM-5.

O Transtorno do Espectro do Autista (TEA) é um transtorno neurológico que afeta a maneira como as pessoas se comunicam e interagem com o mundo ao seu redor. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 (2014, p. 50) o TEA é uma condição caracterizada por déficits persistentes na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, estando inseridos na classificação dos transtornos de neurodesenvolvimento[4].

O Autismo é classificado como um espectro, pois afeta cada indivíduo de maneira diferente, e dentro do mesmo diagnóstico temos muitas nuances. O que indica que as manifestações clínicas variam amplamente entre os indivíduos. Dessa forma, existem pessoas que apresentam habilidades e desafios distintos em suas capacidades de comunicação, interação social e nos padrões de comportamento. (Taveira et al, 2023).

3.1 BREVE ESTUDO SOBRE A ETIOLOGIA DO AUTISMO

O termo “autismo” foi difundido pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner ao utilizá-lo em um artigo de pesquisa publicado em 1943 que definiu o Autismo Infantil como uma condição com características comportamentais específicas, tais como: distúrbios nas relações afetivas, preferência pela solidão, deficiência na linguagem para comunicação, como a ecolalia[5]. Observando respostas incomuns ao ambiente, tais como movimentos motores repetitivos e estereotipados, resistência à mudança ou insistência na rotina, comportamentos ritualísticos, início ainda na primeira infância e a prevalência no sexo masculino. Kanner utilizou o termo "autismo infantil precoce" para descrever esse conjunto de sintomas. A partir daí, o termo "autismo" tornou-se amplamente usado para descrever o espectro de transtornos do neurodesenvolvimento (Tamanaha; Perissinoto; Chiari, 2008).

Logo em seu estudo Kanner descreve onze crianças com "isolamento autístico extremo", caracterizado pela incapacidade de se relacionar de maneira típica com pessoas e situações

[4] Neurodesenvolvimento são condições que afetam o desenvolvimento do cérebro e do sistema nervoso e que causam dificuldades nas habilidades cognitivas, emocionais e comportamentais.
[5] Se define por ser a reprodução repetitiva de palavras, sílabas ou frases.

desde o início de suas vidas. As crianças autistas tinham boa relação com objetos, mas apresentavam graves dificuldades nas interações sociais. O autor enfatizou o bom nível intelectual das crianças autistas, defendendo que o problema central era afetivo, não cognitivo. Propondo que a origem do autismo poderia ser tanto inata como relacionada às características obsessivas e intelectuais dos pais das crianças. O autor destacou a importância dos déficits de relacionamento social, bem como dos comportamentos incomuns, na definição da condição (Brasil, 2015).

Kanner traz a crença predominante de que o autismo era causado por pais que não eram emocionalmente responsáveis por seus filhos, essa questão sobre a causa do autismo ainda persistia. Em um contexto histórico que atribuíam a origem às falhas na maternagem, sendo responsáveis pelo autismo dos filhos. Essa narrativa deixou profundas marcas não apenas naquela geração, mas também influenciou de maneira reativa várias manifestações de pais que, se sentindo ressentidos, foram considerados os causadores do autismo devido a supostas falhas, como serem frios ou não amarem de forma adequada (Bialer; Voltolini, 2022).

No início dos anos 60, começaram a investigar a teoria de que o TEA era um transtorno cerebral que existia desde a infância e podia ser encontrado em todos países, independente da questão socioeconômica ou étnico-raciais. Em 1978, Michael Rutter propôs uma definição para o autismo com base em quatro critérios: atrasos sociais não apenas devido ao atraso mental; problemas de comunicação, novamente, não apenas devido ao atraso mental associado; comportamentos incomuns, como movimentos estereotipados e maneirismos; e início antes dos 30 meses de idade. (Klin, 2006.).

Desse modo, fica claro a importância a compreensão a respeito de como surgiu a ideia do termo “autismo” e mesmo com esse entendimento ainda não é possível entrar em consenso quanto à causa exata do TEA, mas entende-se que pode ser um conjunto de fatores genéticos, ambientais e neurobiológicos.

Na questão que cita os fatores genéticos acreditam - se que vem sendo transmitido de geração em geração e que apesar de serem transtornos complexos e difíceis de se identificar genes específicos responsáveis pela origem, a pesquisa genética tem progredido significativamente nos últimos anos. Os pesquisadores têm utilizado diferentes abordagens, para identificar os genes relacionados ao TEA (Gupta; State, 2006).

Nos fatores ambientais entende-se que existem fatores como infecções pré-natais e virais, uso de álcool e/ou drogas, intoxicação por metal; o uso de medicamentos anticonvulsivantes pela gestante, como o ácido. Tem sido descrito por diversos autores como

possível agente associado aos TEA e a outros transtornos do desenvolvimento (Porto; Brunoni, 2015, p. 32).

A teoria neurológica acredita-se que o TEA pode ser causado por disfunções no sistema nervoso central, levando a uma desordem no desenvolvimento da criança. Existem estudos que apontam um desequilíbrio cerebral em pessoas autistas, como o tamanho anormal das áreas do cérebro e baixas atividade em regiões cerebrais diversas. Até agora, não foi possível determinar uma causa definitiva para o autismo, devido à complexidade do sistema nervoso central e às diferentes manifestações sintomatológicas (Silva; Mulick, 2009).

Fica claro então a inconclusão quanto as causas do TEA até os dias atuais, mas é importante ressaltar que é necessário nos afastar de rótulos que são oriundos de uma perspectiva histórica que culpabilizava os cuidadores da criança, já que a causa e o diagnóstico são áreas complexas de serem analisadas.

3.2 CARACTERÍSTICAS E DIAGNÓSTICO SOBRE O TEA

Conforme já estudado, o TEA manifesta-se geralmente na primeira infância, antes dos três anos de idade. Pode apresentar-se já nos primeiros meses de vida ou após um período inicial de desenvolvimento aparentemente dentro dos marcos, seguido por uma regressão no desenvolvimento, caracterizando o autismo regressivo, o que ocorre em cerca de 30% dos casos diagnosticados. Em crianças muito jovens, antes dos 3 anos,[6] geralmente não é possível estabelecer um diagnóstico definitivo de TEA. Além disso, é importante destacar que o diagnóstico pode ser realizado mais tardiamente em virtude de fatores sociais e familiares (Schwartzman, 2015, p. 15).

Nesse sentido para entendermos como o TEA é observado é preciso entendermos o manual de diagnóstico e segundo o DSM-5 (2014) o TEA está classificado em diferentes níveis, de acordo com a intensidade dos sintomas e a necessidade suporte: nível um; nível dois; e nível três. No nível um de suporte onde se exige pouco apoio, as dificuldades do indivíduo são sutis e podem passar despercebidas por pessoas que não conhecem bem o autismo. As dificuldades de comunicação e interação social são leves, apresentam problemas para organização e planejamento, inflexibilidade de comportamento e dificuldade em trocar de atividade. No nível

[6] Antes dessa idade, as crianças estão passando por um período de intenso desenvolvimento e seu comportamento varia, tornando difícil distinguir os sintomas de TEA de comportamentos típicos da infância. Além disso, a manifestação dos sintomas pode variar significativamente de uma criança para outra, o que torna ainda mais complicado estabelecer um diagnóstico preciso em idades muito jovens.

dois de suporte exige apoio substancial. Os sintomas são mais evidentes neste nível, e o indivíduo pode apresentar dificuldades significativas na comunicação e interação social. Também pode ter padrões repetitivos de comportamento e interesses restritos, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações. No nível três de suporte já exige apoio muito substancial as dificuldades são mais intensas e impactam significativamente o funcionamento diário do indivíduo. A comunicação e interação social são muito afetadas, e as dificuldades de comportamento são mais pronunciadas, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.

É importante ressaltar que a classificação em níveis de autismo é uma forma de categorizar e compreender as diferentes experiências e necessidades das pessoas com autismo, mas cada indivíduo é único e deve receber um acompanhamento personalizado e adaptado às suas características e necessidades específicas.

A questão de o autismo ser um espectro traz ao processo de diagnosticá-lo dificuldade e a necessidade de ser conduzido com rigorosidade, para que crianças e adultos não tenham uma ausência de identificação do transtorno. Por isso, o diagnóstico do TEA deve ser realizado por uma equipe multidisciplinar, formada por médicos (neurologista, psiquiatra) psicólogo e fonoaudiólogo. Salienta – se a importância de uma equipe, pois esses profissionais promovem o acompanhamento constante, avaliação da linguagem, aspectos neuropsicológicos, habilidades motoras e sociais. Com base na observação do comportamento da criança, além de entrevistas com os pais, relatórios escolares. Alguns critérios comuns para o diagnóstico de autismo incluem dificuldades na comunicação e interação social, padrões de comportamentos repetitivos e restritos, dificuldades na linguagem e habilidades motoras, e interesses restritos ou obsessivos. E também outro critério é o preenchimento dos critérios específicos estabelecidos pelos manuais de diagnóstico, como o DSM-5, além de outros instrumentos como D’antino; Brunoni; Schwartzman (2015, p. 20) indica.

> Suspeita de TEA pode ser determinada com a aplicação de algum dos instrumentos de rastreamento em uso, a saber: ASQ[7], ABC[8] e MCHAT[9], por exemplo. O ADI-R[10] e a ADOS-2[11] são considerados instrumentos diagnósticos padrão-ouro, e começam a ser utilizados em nosso país. A escala Vineland[12] pode ser utilizada para caracterizar os comportamentos adaptativos dessa população.

Sendo assim, para a realização do diagnóstico é importante que se observe a criança e passe a considerar os sintomas apresentados pelo DSM-5, como também é necessário que a criança apresente pelo menos dois dos sintomas na área de interação social, pelo menos um na área de comunicação e pelo menos um na área de comportamentos restritos, repetitivos e estereotipados.

Segundo Fernandes, Tomazelli e Girianelli (2020, p. 3) esses são os domínios e os subdomínios dos critérios de diagnósticos[13] do TEA.

> Interação social, relações de companheirismo, satisfação, interesses ou realizações com outras pessoas e reciprocidade social ou emocional. Comunicação é a falta de criatividade e fantasia nos processos de pensamento, deficiências na linguagem oral, ausência de brincadeira de faz de conta, linguagem estereotipada, repetitiva ou idiossincrática, déficits nos processos de desenvolver e manter relacionamentos, ausência de comportamentos comunicativos não verbais e comunicação social. Padrões restritos e repetitivos de comportamento temos, hiper ou hiporreatividade a entrada sensorial ou interesse incomum em aspectos sensoriais do ambiente, padrões ritualizados de comportamento verbal ou não-verbal, movimentos motores ou uso de objetos, aderência excessiva a rotinas, resistência excessiva à mudança e interesses fixos e restritos.

Com a definição do diagnóstico é importante ressaltar como é indispensável o diagnóstico, pois ele permite que a criança receba o suporte adequado para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, a escola desempenha um papel fundamental nessa área, pois

---

[7] Autism Screening Questionnaire – ASQ ou SQS (Questionário de Triagem para Autismo) – Rutter et al., 1999. O ASQ consiste em 40 questões extraídas da ADI-R, que foram modificadas para tornarem-se mais compreensíveis aos pais.

[8] Autism Behavior Checklist – ABC ou ICA (Lista de Checagem de Comportamento Autístico) -Krug et al., 1980
O ABC ou ICA é um questionário constituído por 57 itens, elaborados para avaliação de comportamentos autistas em população com retardo mental, que tem ajudado na elaboração de diagnóstico diferencial de autismo.

[9] Modified Checklist for Autism in Toddlers – M-CHAT-R/F – Deborah Fein, Marianne Barton, 2009 – Traduzida por Dra. Rosa Miranda Resegue. O uso da M-CHAT-R/F é obrigatória para crianças em consultas pediátricas de acompanhamento realizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS). As respostas aos itens da escala levam em conta observações dos pais com relação ao comportamento do filho.

[10] Autism Diagnostic Interview-Revised – ADI-R (Entrevista Diagnóstica para Autismo Revisada) – Lord, Rutter, & Le Couteur, 1994. A aplicação da ADI, que deve ser administrada junto aos pais, com o objetivo de obter descrições detalhadas dos comportamentos que são necessários para o diagnóstico diferencial de TEA.

[11] Autism Diagnostic Observation Schedule – ADOS ou ADOS2 (Protocolo de Observação para Diagnóstico de Autismo) – Lord et al., 1989. A Escala de Observação para o Diagnóstico de Autismo 2 (ADOS-2) é uma avaliação padronizada e semiestruturada da comunicação, da interação social e jogo ou uso criativo de materiais

[12] Escala Vineland I e II – ECAV – Sara S. Sparrow, Domenic V. Cicchetti, David A. Balla, 1998. A Vineland avalia o comportamento adaptativo desde o nascimento até à idade adulta.

[13] Tríade de Wing: A tríade de Wing é uma combinação de três características clínicas frequentemente observadas em pacientes com transtorno do espectro do autismo (TEA). Foi descrita pela primeira vez por Lorna Wing, uma psiquiatra britânica pioneira no estudo do autismo, que utilizou o termo para descrever a presença conjunta das seguintes características: dificuldades na interação social, capacidade de comunicação comprometida e comportamentos repetitivos e restritos.

ao identificar de forma precoce possíveis sinais do TEA, o aluno pode ser encaminhado para uma avaliação especializada. Além disso, é essencial que a escola mantenha um diálogo constante com a família, compartilhando informações importantes e contribuindo para um acompanhamento conjunto do aluno. Somente através do diagnóstico preciso e do apoio de todos os envolvidos, a criança com TEA poderá receber o atendimento adequado.

3.3 TRATAMENTO PARA O TEA

Ao compreendermos melhor o TEA, podemos afirmar que ele não se trata de uma doença, mas sim de uma parte integrante da pessoa, fazendo parte de sua identidade. Embora o diagnóstico não defina ou limite quem a pessoa é, o acompanhamento profissional é essencial para promover seu desenvolvimento e garantir uma melhor qualidade de vida. Esse acompanhamento pode incluir terapias comportamentais, ocupacionais, de fala, intervenções nutricionais e psicomotoras, além do uso de medicamentos em alguns casos específicos. Logo os tratamentos para o TEA têm a finalidade a melhora da qualidade de vida da pessoa autista, promovendo o desenvolvimento nas habilidades sociais, de comunicação e comportamentais.

O planejamento do tratamento deve ser adaptado conforme a etapa da vida do paciente. Por exemplo, para crianças pequenas, a prioridade está na terapia da fala, na interação social, na educação especial e no suporte familiar. Existe uma variedade de serviços disponíveis para o tratamento, que vão desde abordagens individuais até clínicas multidisciplinares, ressaltando-se que a eficácia depende de muitos fatores, como a qualidade dos profissionais envolvidos e a relação estabelecida entre eles, as famílias e o próprio paciente. Por fim, são apontados quatro objetivos fundamentais para o tratamento: estimular o desenvolvimento social e comunicativo; aprimorar o aprendizado e a capacidade de resolução de problemas; reduzir comportamentos que dificultem o aprendizado; e oferecer treinamento e suporte para as famílias, que são essenciais para o sucesso do tratamento e para garantir um ambiente mais acolhedor (Bosa, 2006).

É importante salientar que, embora existam acompanhamento e tratamento, o TEA é considerado um espectro, o que significa que o que funciona para uma pessoa pode não ser eficaz para outra. Muitas intervenções requerem tempo e consistência, o que pode ser desafiador para as famílias, tanto em termos financeiros quanto em termos de disponibilidade de tempo. Ademais, algumas pessoas podem buscar uma “cura”, que não existe. O tratamento geralmente requer a colaboração de vários profissionais, o que pode ser difícil de alcançar, especialmente

considerando as dificuldades de acesso a serviços de qualidade em algumas regiões, o que pode atrasar o início do tratamento.

Em suma, embora existam diversas modalidades terapêuticas que podem potencialmente ajudar pessoas com TEA, é fundamental que cada tratamento seja individualizado e que as expectativas sejam realistas. O acompanhamento contínuo e o suporte social são essenciais para o sucesso a longo prazo. Medicamentos podem ser prescritos em casos de sintomas como ansiedade, agressão, hiperatividade e impulsividade, sempre levando em consideração as necessidades específicas de cada pessoa. No entanto, é necessário um acompanhamento cuidadoso devido aos possíveis efeitos colaterais que os medicamentos podem causar.

Há muitos desafios relacionados às intervenções medicamentosas para o tratamento do autismo, considerando a diversidade das causas e manifestações da condição. Apesar dos esforços para validar a eficácia e a segurança de diferentes medicamentos, ainda não existe um tratamento farmacológico eficaz que trate o TEA em si. As intervenções medicamentosas são, em grande parte, usadas como terapias complementares para aliviar comportamentos específicos em uma porcentagem significativa de pacientes, inclusive em crianças muito pequenas. Contudo, as intervenções iniciais e principais continuam sendo as terapias psicoterápicas e educacionais. No Brasil, a falta de um sistema centralizado para o fornecimento de medicamentos e a alta taxa de consumo ressaltam a necessidade de uma análise mais aprofundada sobre sua necessidade (Barros Neto; Brunoni; Cysneiros, 2019).

Entende-se, então, é fundamental que a discussão sobre a utilização de medicamentos para o tratamento do TEA leve em conta as perspectivas dos indivíduos autistas e de suas famílias. A busca por práticas que promovam uma maior aceitação social e a valorização da diversidade neurodivergente. Reforçando - se a importância de uma abordagem abrangente e individualizada no tratamento do TEA, que envolva uma combinação de intervenções que considerem as características únicas de cada indivíduo e o potencial uso de medicamentos somente quando necessário.

Além disso, é necessário destacar a intervenção que tem ganhado notoriedade no país: a Análise do Comportamento Aplicada (ABA). O método ABA é uma abordagem sistemática e individualizada para a intervenção com crianças com TEA. A metodologia envolve a identificação de comportamentos e habilidades a serem aprimorados, seguida pela definição de objetivos e pela aplicação de estratégias baseadas em condicionamento operante. A coleta de dados em todas as etapas ajuda a monitorar o progresso e a ajustar as intervenções conforme necessário. O ABA tem sido utilizado na promoção da qualidade de vida de pessoas com

autismo. Para uma compreensão completa, é fundamental entender seus princípios teóricos e a relação entre comportamento e ambiente, considerando que as pessoas tendem a reforçar e repetir comportamentos que geram resultados positivos (Camargo; Rispoli, 2013).

O método ABA é altamente flexível e pode ser adaptado às necessidades individuais de cada paciente. É utilizado em diversos ambientes, como escolas, domicílios e clínicas, promovendo não apenas a aprendizagem de novas habilidades, mas também a generalização dessas habilidades em diferentes contextos sociais

4. EDUCAÇÃO INCLUSIVA E OS DIRETOS DA PESSOA COM TEA

No passado, crianças com autismo eram cuidadas principalmente por redes filantrópicas como a Associação de Pais e Amigos Excepcionais (Apae)[14] e a Sociedade Pestalozzi[15]. Com poucas opções de tratamento na área da saúde mental, geralmente restritas a hospitais psiquiátricos ou universitários, o atendimento oferecia suporte multiprofissional, porém, sem articulação com uma rede territorial de serviços, conforme preconizado pela Política Nacional de Saúde Mental. Outras crianças eram atendidas em regime ambulatorial tradicional, supervisionadas por psiquiatras ou neurologistas, com um enfoque exclusivamente medicamentoso (Brasil, 2013).

Contudo com a criação Lei de Diretrizes e Bases 9.394/1996, as escolas de ensino regular passaram a incluir as pessoas com deficiência, conferindo a elas acesso a educação. Ressaltamos que o TEA só foi definido como deficiência no Brasil no ano de 2012 em 27 de dezembro com a Lei nº 12.764 que considera como pessoa com deficiência os indivíduos com transtornos do espectro autista, conforme explicita o Artigo 1º, parágrafo 2º, "**A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais**" (**grifos nossos**).

Assim como a, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), a inclusão da pessoa com deficiência nas escolas é assegurada. Essa legislação garante o acesso ao ensino regular e a participação em todas as atividades educacionais, culturais, esportivas e de lazer oferecidas no ambiente escolar. A Lei nº 13.146/2015 também estabelece o direito à acessibilidade, ao uso de tecnologias assistivas,

---

[14] A APAE é uma organização brasileira que visa promover a atenção integral à pessoa com deficiência intelectual e múltipla, oferecendo serviços em áreas como educação, saúde e assistência social.

[15] A sociedade leva o nome de Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), um educador suíço que defendia a educação como um meio de desenvolvimento global do indivíduo e acreditava que a aprendizagem deveria considerar as dimensões intelectual, emocional e prática. As Sociedades Pestalozzi atuam em diferentes estados e municípios do Brasil, oferecendo serviços nas áreas de educação especial, reabilitação, assistência social, saúde e capacitação profissional, sempre com um foco na inclusão e no respeito às singularidades de cada pessoa.

ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), que pode ser complementar ou suplementar, além de promover a adaptação de currículos, métodos, técnicas e recursos para atender às necessidades dos estudantes com deficiência, de modo a contribuir para o seu desenvolvimento integral.

Para compreender a relação entre a pessoa com TEA e a educação, é essencial distinguir entre educação especial e educação inclusiva, reconhecendo a importância de oferecer ambientes educacionais inclusivos.

Ao abordar Educação Inclusiva e Educação Especial, estamos tratando de duas áreas que, embora distintas, são complementares. A Educação Inclusiva visa oferecer uma educação que atenda a todos os envolvidos no contexto escolar, garantindo equidade no atendimento entre estudantes com e sem deficiência, de modo que todos se sintam pertencentes e participem de forma plena do processo educacional. De acordo com Bueno, J *et al.* (2023, p. 7, grifos nossos)

> A educação especial inclusiva requer transformações, e a aceitação foi uma das grandes barreiras enfrentadas historicamente, uma vez que ela só é possível a partir do momento em que **existe a compreensão de que todos são iguais e devem ter a equiparação de oportunidades, condições e direitos**.

Na Educação Inclusiva, igualdade e diferença são consideradas valores indissociáveis. Ela é direcionada a todas as pessoas, independentemente das características físicas, culturais, religiosas ou intelectuais, fundamentando-se no conceito amplo de inclusão. Esse princípio sustenta que a inclusão deve ocorrer de maneira a garantir que todas as pessoas, independentemente de suas diferenças, tenham acesso às mesmas oportunidades e direitos. A Constituição de 1988 assegura às pessoas com deficiência o direito à igualdade de oportunidades, a não discriminação e à integração social, conforme estabelecido no Art. 4º. A Constituição também reconhece a responsabilidade do Estado e da sociedade em garantir a plena inclusão e a participação das pessoas com deficiência em todos os aspectos da vida social.

No entanto, é importante salientar que, historicamente, as pessoas com deficiência nem sempre foram reconhecidas como capazes de gozar de seus direitos ou dignas de atenção por parte do Estado e das políticas públicas educacionais. No contexto brasileiro, a trajetória das pessoas com deficiência passou por um processo de marginalização e exclusão, semelhante ao que ocorreu em outras partes do mundo.

No século XIX, os conflitos militares resultaram em um aumento no número de pessoas com deficiência, o que levou à criação das primeiras instituições de atendimento, voltadas principalmente para as classes sociais menos favorecidas. Com os avanços da medicina no século XX, a deficiência passou a ser vista sob uma ótica médica, e instituições filantrópicas

assumiram papel de cuidar e reabilitar essas pessoas. Nesse contexto, muitas vezes, o foco era o tratamento e a segregação, reforçando a ideia de que pessoas com deficiência deveriam se desenvolver fora do convívio social (Pereira; Saraiva, 2017).

Esse panorama perdurou até a promulgação de leis que asseguraram o direito das pessoas com deficiência à educação e, especialmente, ao acesso aos espaços de ensino regular. Antes dessas garantias, esses indivíduos eram encaminhados para instituições segregadas, o que reforçava a exclusão e a ideia de que deveriam ser educados em locais separados.

Por outro lado, a Educação Especial se organiza de acordo com o regulamento do Ministério da Educação (MEC), que estabelece que as pessoas com deficiência e necessidades educacionais específicas devem frequentar classes regulares do sistema de ensino. A Educação Especial destina-se a um público-alvo que inclui estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento — que afetam as habilidades de interação social, comunicação e comportamento —, além de estudantes com altas habilidades e/ou superdotação. Conforme a lei nº 12.796/2013,

> Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, **a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino**, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Brasil, 2013, **grifos nossos.)**

Nesse sentido a educação especial, enquanto modalidade da educação deve ocorrer de forma transversal a todos os níveis educacionais, ou seja, deve fazer parte desde a educação infantil ao ensino superior como prevê a lei 13.146/2015 no Art. 27 “A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados no sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida”.

É importante ressaltar que o papel da Educação Especial é facilitar a inclusão dos alunos com deficiência no ambiente escolar. Essa modalidade de ensino prevê o direito à identificação das necessidades específicas de cada estudante com deficiência, bem como a provisão de recursos e serviços que promovam seu desenvolvimento integral. Assim, é assegurado o acesso a um ambiente educacional inclusivo e acessível, que atenda a suas particularidades e ofereça suporte adequado para garantir sua participação plena na educação. Os direitos do aluno com deficiência incluem:

- Acesso a tecnologias assistivas e outros recursos que possam ajudar a superar barreiras e facilitar o aprendizado.

- Receber avaliações e intervenções educacionais que levem em consideração suas necessidades individuais e potencialidades.
- Participar de programas de apoio, quando necessário, para atender às suas necessidades educacionais específicas.
- Acesso garantido ao ensino regular, com plena participação e adaptações necessárias.
- Receber proteção do Estado contra qualquer forma de discriminação, além de contar com profissionais capacitados e apoio individualizado.
- Acesso às salas de recursos multifuncionais e outros serviços que promovam a inclusão educacional.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) estabelece o dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade de assegurar uma educação de qualidade à pessoa com deficiência, protegendo-a de todas as formas de violência, negligência e discriminação (Brasil, 2015).

Portanto, o ensino precisa ofertar Atendimento Educacional Especializado (AEE), acessibilidade, garantia ao acesso e permanência na instituição.

Sobre o AEE o decreto 7.611, de 17 de novembro de 2011 afirma:

> 2º O atendimento educacional especializado deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família para garantir pleno acesso e participação dos estudantes, atender às necessidades específicas das pessoas público-alvo da educação especial, e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas. Art. 4º O Poder Público estimulará o acesso ao atendimento educacional especializado de forma complementar ou suplementar ao ensino regular, assegurando a dupla matrícula nos termos do art. 9º-A do Decreto no 6.253, de 13 de novembro de 2007. (BRASIL, 2011.)

Logo o AEE não é substitutivo às classes regulares pois é ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de AEE. Ele tem função complementar, que são para alunos com deficiências físicas, intelectual e transtornos como TEA e o TDAH, ou suplementar para alunos com altas habilidades e/ou superdotação, sendo uma para quando o aluno já possui o conhecimento necessário e a outra se faz necessária para suprir a falta de determinada necessidade educacional. O AEE é institucionalizado pelo PPP (Projeto político pedagógico) da escola.

O AEE é um serviço de educação especial que visa a identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e acessíveis para eliminar barreiras e permitir a plena participação dos alunos com necessidades específicas. Ele complementa e/ou suplementa a formação do aluno, visando à sua autonomia na escola e fora dela. Esse atendimento é **obrigatório nos sistemas**

de ensino e deve ser, **preferencialmente**, realizado nas escolas regulares, em espaços específicos denominados **Salas de Recursos Multifuncionais**.

A reorientação das escolas especiais e dos centros especializados requer a construção de uma proposta pedagógica que institua serviços de apoio às escolas regulares na organização das Salas de Recursos Multifuncionais e na formação continuada dos professores do AEE (ROPOLI *et al*., 2010).

Ressalta-se que a preferência pela realização do AEE na escola regular está relacionada à possibilidade de atender às necessidades educacionais específicas dos alunos no cotidiano escolar, aproximando-os das atividades comuns a todos. Além disso, o AEE proporciona aos pais uma experiência inclusiva de desenvolvimento e escolarização de seus filhos, sem a necessidade de recorrer a atendimentos externos à escola.

Ainda, a legislação garante a presença de profissionais de apoio educacional para auxiliar no processo de inclusão e na aprendizagem dos alunos com necessidades específicas. A Lei nº 13.146 de 06 de Julho de 2015 Institui no Art. 3º:

> **XIII** - profissional de apoio escolar: pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas. (Brasil, 2015)

Apesar da lei de inclusão não exigir conhecimentos técnicos e formação específica para ser um profissional de apoio, se faz importante que esses profissionais sejam capacitados e qualificados para oferecer suporte adequado aos estudantes e às equipes escolares. Porém destacamos que no estado do Goiás o profissional de apoio precisa ter “formação de nível superior, preferencialmente, em Pedagogia ou Psicologia” (SEDUC/GO, 2024, p. 77)

Já referente ao professor de AEE a Lei nº 13.146/2015 estabelece que o professor deve ser qualificado e capacitado para atender às necessidades específicas dos alunos. Possuindo formação em Pedagogia, Psicopedagogia, Psicologia, Educação Especial, ou áreas afins. Além disso, é importante que o profissional tenha especializações e cursos na área de educação Inclusiva, adaptações curriculares, estratégias de ensino, entre outros temas relacionados ao AEE. Também é fundamental que o professor tenha experiência prática de trabalho com alunos com deficiência.

Assim a educação especial é um direito dos alunos com deficiência com o objetivo de ser uma modalidade inclusiva, sendo um trabalho coletivo visando a valorização das diferenças e esse processo não ocorre através do trabalho isolado da professora, mas sim de toda comunidade escolar.

Diante disso, vale ressaltar que educação inclusiva é um conceito que visa proporcionar oportunidades educacionais para todos os alunos, independentemente de suas necessidades específicas ou diferenças individuais. Isso significa que todos os alunos devem ter acesso a uma educação de qualidade em ambientes de aprendizagem diversificados e inclusivos.

5. AUTISMO E OS ESTERIÓTIPOS RETRATADOS EM FILMES

A relação entre o autismo e a representação em filmes tem gerado um intenso debate sobre como essa condição é retratada na mídia. Muitos filmes trazem personagens autistas que, frequentemente, são moldados por estereótipos que não refletem a diversidade e a complexidade do espectro autista. Essa representação pode influenciar a percepção pública, reforçando preconceitos ou, por outro lado, promovendo a empatia e a compreensão. Esta análise busca explorar como os estereótipos associados ao autismo são representados e quais as suas implicações sociais e se são capazes de retratar a realidade de forma sensível e precisa.

Os filmes escolhidos são o Miracle Run, que tem seu ano produção em 2004; dirigido por Gregg Champion; O gênero é drama e o país de origem é o Estados Unidos da América (EUA). O filme conta a história de Corrine que fica transtornada ao descobrir que não existia cura ou tratamento efetivo para a doença de seus filhos gêmeos Stephen e Phillip. O elenco do filme é formado por, Mary-Louise Parker, Corrine Morgan Thomas; Aidan Quinn, Douglas Morgan; Zac Efron, Stephen Morgan; Bubba Lewis, Phillip Thomas; Alicia Morton, Jennifer Michaels; Jake Cherry, Steven Thomas, enquanto criança; Jeremy Shada, Phillip Thomas, enquanto criança.

O segundo filme é um documentário que tem como título “Em um Mundo Interior”. O ano de produção foi em 2018; dirigido por Flavio Frederico e Mariana Pamplona e o país de origem e o Brasil. O documentário busca observar o universo de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo, ao acompanhar, em seu dia-a-dia, crianças de diferentes regiões, classes sociais e graus de transtorno. O filme pretende, de forma poética e tocante, apresentar uma experiência sensorial e cognitiva, além de tentar compreender como tais indivíduos vivenciam a realidade.

A análise fílmica não se limita apenas ao conteúdo das narrativas, mas também à forma como esses filmes são produzidos e quem está por trás deles. Portanto, o estudo crítico sobre esses aspectos é fundamental para promover mudanças e gerar um discurso mais inclusivo.

5.1 MIRACLE RUN

O filme é inspirado em uma história real de Corrine e seus filhos gêmeos. Abordando o desafio de criar crianças autistas e o impacto que isso tem na dinâmica familiar e nas relações sociais. Inicia o filme com a personagem Corrine levando seus dois filhos gêmeos para uma consulta médica, por que via os comportamentos dos filhos, mas todos os outros médicos que ela já passou não diagnosticou nada, abordando a não desistência. Ela percebeu que algo não seguiu como o esperado. Como pode ser observado na fala abaixo:

> Eu já fui a vários médicos e todos eles dizem a mesma coisa, meninos se desenvolvem mais lentamente que meninas, gêmeos às vezes desenvolvem uma linguagem própria, fique feliz por serem saudáveis, e eles vão superar. (Cena do filme uma viagem inesperada, 3m 26s).

Esta cena que é interpretada no filme é uma realidade que condiz a experiência de muitas famílias que buscam a compreensão dos comportamentos de sua criança, mas lidam com o despreparo médico e muitas vezes o descaso no processo investigativo compromissado e condizente ao que traz o DSM – V (2014). Coadunando, o que o DSM-V aponta que as crianças com TEA devem ser diagnosticadas por uma equipe multidisciplinar, é retratado em uma cena em que as crianças aparecem em uma sala cheia de profissionais observando-as, enquanto realizam algumas atividades, isso, seria testes. Fala da médica na sala:

> Preste atenção na forma como ele alinha os blocos (4m 6s) [...] Veja o que acontece quando você tenta variar... (4m 16s) [...] Este aqui pelo menos parece responder a estímulos verbais da mãe e ele tem uma reprodução satisfatória no que diz respeito na formação e entonação de palavras. (4m 20s) [...] Se referindo ao personagem Phillip. (Cena do filme uma viagem inesperada, 2004).

A mãe observa do lado de fora e a medica vai até ela conversar pra contar o prognóstico dos gêmeos, logo ela diz:

> Olha, é uma descoberta bastante notável. Gêmeos univitelinos autistas [...] os dois exibem um olhar gazeado e uma afeição social incomum. Percebemos alguns detalhes a respeito dos sentidos, hiperacusia, por exemplo. O Philip usa a ecolalia, imediata, e repete o que houve. Eles não exibem a movimentação estereotipada que é padrão, mas os sinais de desenvolvimento cognitivo que observamos são indicadores de um bom prognóstico. (Cena do filme uma viagem inesperada - 4m 50s até 5m 30s)

Na cena em questão os personagens apresentam comportamentos bem estereotipados, mãos no ouvido, movimentos repetitivos quando há muito barulho ou situações de estresse extremo. Quando analisamos características, “sintomas” acabamos por considerar essas questões como iguais para todos os indivíduos autistas, tratando-os como um grupo homogêneo. Embora existam características comuns entre a maioria dos indivíduos autistas,

essas não são suficientes para caracterizar e avaliar cada caso de forma individualizada. Por isso o diagnóstico é algo sistematizado e na maioria das vezes como já discutido, complexo.

Ao longo das cenas mostra a personagem lidando com a notícia e quando ela conta ao marido, que não é pai dos gêmeos, ele diz pra ela que não sabia disso quando começou o relacionamento com ela e que não saberia lidar com isso.

> Ele: achei o seu recado estranho, os garotos estão com algum problema? Ela: não sou eu, levei os meninos na doutora Petrick hoje, ela disse que eles são autistas, eles têm autismo [...] eu não sei o que fazer, eu tentei tantos médicos, eles nunca vão melhorar, não irão viver a vida e nem terão vidas normais. Ele: e nem nós, nem mesmo perto disso. [...] isso não é justo [..] eu não posso fazer isso Corrine, eu vou ser honesto com você eu sinto muito. (Cena do filme uma viagem inesperada - 7m e 47s)

Maia *et al.* (2016) destaca que, o nascimento de um filho com necessidades específicas pode levar à interrupção do sonho pela realidade, o que produz um choque na mãe, pois o filho imaginário é substituído por um ser real. A relação da família quando se recebe o diagnóstico é de muito importância, o acolhimento e como os pais lidam com essas crianças, influencia diretamente no desenvolvimento delas. E outro aspecto que o filme nos apresenta nessa cena descrita é o abandono do conjugue, mesmo não sendo o genitor das crianças. A mãe então precisa lidar com muitas informações sozinha. Segundo Maia et al. (2016, p. 229)

> Oferecer um acolhimento adequado aos pais cujo filho(a) teve diagnóstico do TEA é necessário e importante. Isso pode facilitar o enfrentamento do diagnóstico e permitir uma passagem mais rápida pelos estágios de luto, que constituem uma sequência relativamente previsível de fases. O estágio inicial de luto é de choque, acompanhado de choro, manifestando sentimentos de desamparo e ânsia por fugir; no segundo estágio, há descrença e negação da situação; no terceiro, há tristeza e ansiedade manifestada por muito choro e raiva; no quarto, há o equilíbrio, caracterizado pela admissão de que a condição existe; por último, o estágio de reorganização, mediante reintegração e reconhecimento familiar desse filho.

Além disso, entendemos que a escola também precisa dialogar com os pais, e nas cenas que seguem, a mãe das crianças matricula os filhos em uma escola sem informar a instituição sobre o diagnóstico deles. No filme, vemos os meninos na sala de aula: Stephen faz coisas aleatórias, como rasgar papel, enquanto Phillip pinta, enquanto o restante da turma participa ativamente da aula. Essa cena evidencia que eles são tratados como diferentes e incapazes de realizar as atividades destinadas a todos os alunos. Essa realidade persiste no cotidiano escolar, mesmo nos dias de hoje, e não condiz com a proposta de inclusão. Segundo Enicéia Mendes, “a inclusão escolar não pode ser reduzida a mera presença do aluno na sala de aula, mas deve envolver a sua participação efetiva nas atividades educacionais” (Mendes, 2014). Se o aluno não está sendo realmente proporcionadas atividades que visem o desenvolvimento do intelecto, que é uma das principais funções da escola, ele está apenas inserido neste espaço.

Quando as estereotipias dos irmãos são notadas na escola eles não fizeram uma conexão de que faziam parte do espectro autista, como podemos notar nas falas abaixo:

> Professora: [...] O Steven e o Phillip às vezes são trabalhosos, a senhora sabia?... è e há algumas coisas que eles muito bem, mas por outro lado estou um pouco preocupada porque eles não estão onde deveriam estar. (Cena do filme uma viagem inesperada- 19m 55s)

Na sequência a mãe desconversa e diz que eles precisam de tempo pra se adaptar, e não revela o diagnóstico. Seguindo o filme um representante do conselho e a professora aborda a mãe para uma conversa, marcando uma reunião. Na reunião com a mãe o rumo da conversa, a gestão lista estereotipias dos gêmeos como comportamentos agressivos e inaceitáveis e supõe que ela é agressiva com eles: "[...] O Stephen não fala uma palavra sequer e o Phillip apenas repete o que os outros dizem pra ele [...] eles têm essas explosões como se estivessem bravos [...] o comportamento deles sugerem algum tipo de trauma no passado [...]" (Cena do filme uma viagem inesperada - 20m:53s;21m:36s)

É nessa reunião que ela informa a verdade, mostra como a gestão da escola e a professora se surpreendem com o diagnóstico, tudo era possível pra eles, menos um transtorno. O mais impressionante é que após a mãe contar que eles são autistas a postura da escola é questionar a mãe como que ela só soube há pouco tempo e ela enfatiza que só soube porque os outros médicos que ela já passou nenhum disse que eles estavam no espectro. A justificativa da mãe para ter mantido segredo se sustenta no seguinte argumento [...]é que eles têm talentos tão notáveis que eles merecem estar em uma sala de aula normal com outras crianças [...]" (21m:55s). A professora piora a situação quando diz: "É que é impossível ensinar a eles uma norma, numa sala de aula comum, senhora Morgan." (22m:03s).

Quando discutimos a inclusão é preciso sempre destacar a importância de professores, gestores e todo o corpo escolar estarem preparados para lidar com crianças de diferentes formas, incluído as pessoas com deficiência. De acordo com que Mantoan (2006) atribui sobre a dificuldade de trabalhar com aqueles que se mostram diferentes e aponta como a escola precisa mudar o paradigma do ensino.

Seguindo as cenas a gestão da escola deixa claro o não desejo da permanência dos gêmeos na instituição. A mãe por outo lado deixa claro a insatisfação e diz: "As crianças que não são perfeitas, são expulsas daqui?" (22m:20s).

É importante reconhecer e valorizar a diversidade em vez de marginalizá-la. A indiferença às diferenças não é mais aceitável em uma sociedade que busca um maior entendimento e inclusão, e que categorizar e discriminar as pessoas com base em características

superficiais é um retrocesso, pois classificar indivíduos em grupos homogêneos simplifica e empobrece a multiforme sociedade. A combinação de igualdade e diferenças na educação é um desafio delicado, pois requer cuidado e sensibilidade. Os alunos não devem ser desvalorizados ou tratados como inferiores por suas diferenças, sublinhando que tanto as escolas comuns quanto as especiais têm o dever de ser ambientes de respeito e valorização. Existe a urgência de transformar as escolas em espaços que acolham a pluralidade, em vez de promover a eliminação das diferenças (Mantoan, 2006).

Após a postura da escola Corrine monta um documento exigindo a permanência dos gêmeos na escola, pois é direito deles, como se fosse uma advogada, "[...] eu fiz umas pesquisas e os meninos tem mais direito do que imaginei [...]" (24m:07s).

No dia de levar esse documento, Corrine em reunião na escola, a gestão apresenta um requerimento como "sugestão" de que matriculem os meninos no plano individual de educação em um sanatório, no quadro de pacientes externos, na crença de que eles ficariam melhor lá. Mas graças ao entendimento da mãe, ela estaria disposta até ir ao tribunal, para que eles tivessem uma educação no ensino regular com os outros alunos.

Quando analisamos a postura da escola em relação aos irmãos e ao diagnóstico de TEA, é necessário considerar que, historicamente, a educação para pessoas com deficiência foi relegada a instituições segregadas, limitando oportunidades de aprendizado e socialização. Embora avanços tenham ocorrido, Piccolo (2021) destaca que esses espaços de inclusão não surgiram por iniciativa do Estado, mas como fruto da mobilização social. Assim, a inclusão deve ser compreendida como um processo contínuo de transformação cultural, no qual a escola precisa se adaptar às necessidades dos alunos, e não o contrário.

No filme a escola e o Estado envia um professor de educação especial, para dar aulas para os gêmeos a fim de prepará-los para a sala de aula comum, como podemos notar pela fala do professor: "[...] olha eu vou trabalhar com os seus filhos, e dependendo do nível deles de funcionalidade, ensiná-los a falar, até mesmo ler e escrever [...]" (Cena do filme uma viagem inesperada - 28m 10s).

Na cena mencionada, onde um professor de educação especial é designado para trabalhar com os gêmeos com o objetivo de "prepará-los" para a sala de aula comum, nota-se a tentativa de enquadrar esses alunos a um padrão normativo, o que contraria a perspectiva inclusiva. Conforme Piccolo (2021), a inclusão deve buscar romper com a lógica de normalização e não se limitar à inserção física, mas sim garantir a plena participação e reconhecimento das diferenças como parte natural do contexto escolar.

Dessa forma, a presença de um professor de apoio não deve ter como objetivo "adequar" o aluno ao modelo já existente, mas colaborar para que a escola se transforme em um ambiente acolhedor e aberto às singularidades. É fundamental que a luta pela inclusão continue avançando e seja entendida como um direito inalienável e não apenas como uma adequação superficial para atender a expectativas normativas da instituição.

> O direito à diferença nas escolas desconstrói, portanto, o sistema atual de significação escolar excludente, normativo, elitista, com suas medidas e seus mecanismos de produção da identidade e da diferença. Se a igualdade é referência, podemos inventar o que quisermos para agrupar e rotular os alunos como PNEE, como deficientes. Mas se a diferença é tomada como parâmetro, não fixamos mais a igualdade como norma e fazemos cair toda uma hierarquia das igualdades e diferenças que sustentam a "normalização". (Mantoan ,2003 p. 25)

No filme, ao trabalhar com os irmãos em casa, o professor enfatiza que o desenvolvimento será lento e progressivo, variando conforme o nível do TEA. A narrativa ressalta a importância do envolvimento da família nesse processo, com a mãe e a babá seguindo as orientações do professor para desenvolver atividades de autonomia, como pentear os cabelos e escovar os dentes, além de utilizar cartões e objetos para promover a comunicação.

A atuação do professor como mediador é essencial para a construção de uma relação significativa entre o aluno e o conhecimento, eliminando barreiras que impeçam o pleno desenvolvimento intelectual, afetivo e social dos estudantes com necessidades educacionais especiais. No entanto, como apontam Almeida e Friedrich (2021), a inclusão depende da formação contínua dos educadores e de condições de trabalho adequadas para lidar com a complexidade das salas de aula. No Brasil, para que a educação inclusiva se concretize, é necessário superar paradigmas e políticas que ainda perpetuam a exclusão.

O filme também aborda o bullying e o preconceito que os irmãos enfrentam no ensino médio, evidenciando que, mesmo após a inclusão em classes regulares, as atitudes discriminatórias ainda constituem uma barreira significativa para a plena participação. É importante lembrar que, como afirma Enicéia Mendes (2014), a inclusão só será efetiva quando todos os atores escolares e sociais estiverem comprometidos com a valorização das diferenças e a criação de uma cultura de respeito.

Com o passar do tempo, os irmãos destacam-se academicamente e socialmente, conquistando espaço nos clubes escolares, nas competições de xadrez e nas atividades musicais, contrariando as expectativas iniciais. Ao final, Stephen ganha uma corrida na escola, e Phillip passa na audição para uma escola de música, marcando suas trajetórias como histórias de

superação e evidenciando o potencial dos alunos com TEA quando recebem o suporte necessário.

Ao analisarmos o filme em questão podemos perceber alguns estereótipos em torno do TEA que podiam variar desde a imagem do "gênio" com habilidades excepcionais, até a representação do autista como uma pessoa isolada, incapaz de formar relações sociais. Esses arquétipos simplistas não apenas distorcem a realidade vivida por muitas pessoas com autismo, mas também influenciam a maneira como a sociedade os vê e interage com eles. Como resultado, é crucial analisar criticamente essas representações e compreender como elas moldaram as narrativas em torno do autismo.

5.2 EM UM MUNDO INTERIOR

O documentário "Em Um Mundo Interior" explora as experiências e desafios enfrentados por indivíduos no espectro autista e suas famílias. A produção visa desmistificar o autismo, revelando não apenas as dificuldades, mas também as singularidades e talentos de cada autista. Por meio de histórias pessoais, o filme oferece uma visão íntima das lutas diárias, abordando aspectos como comunicação, inclusão social e a busca por compreensão e aceitação.

O documentário enfatiza a importância de ir além dos estereótipos, reconhecendo que cada pessoa no espectro é única, com habilidades e necessidades próprias. Especialistas, terapeutas e familiares compartilham insights sobre como apoiar esses indivíduos, destacando a necessidade de um ambiente acolhedor e de estratégias educacionais personalizadas.

Entre os personagens apresentados, encontramos Igor, de 4 anos; Mathias, de 2; Julia, de 7; Isabela, de 10; Enzo, de 4; Robertinho, de 10; e Eric, de 18.

O Igor apresentou sinais precoces de autismo, mas seus pais e a pediatra não perceberam isso até ele ingressar na escola. Até os 2 anos, a família não notou suas dificuldades de socialização e o atraso na fala. Foi apenas após a avaliação psicológica que ficou evidente a necessidade de investigação, observando comportamentos como olhar perdido e isolamento.

A perspectiva da família em relação ao diagnóstico é expressa na seguinte cena: “[...] Eu acho que a princípio a gente nega, nega, nega [...] vem um turbilhão de o que vai ser, como vai ser, o que que eu vou oferecer pro meu filho.” (Cena do documentário "Meu Mundo Interior", Episódio 2; 3m 21s). Sobre isso, Matsumoto (2012, p. 10-11) destaca que:

> [...] o processo de aceitação da criança especial varia de cada família, pois isso depende da formação social, histórica, cultural e ideológica de quem se depara com o “diferente”. A importância da constituição identitária do sujeito com necessidade especial depende dos fatores externos que são vivenciados em seu meio social, ou

> seja, a construção de valores e representações que se cristalizam na personalidade do indivíduo.

No episódio 2, Mathias apresentou sinais precoces, mas seus pais não reconheciam esses comportamentos como anormais. Ele não respondia aos chamados e emitia barulhos com a boca. Próximo aos 2 anos, a pediatra e a escola alertaram os pais sobre os atrasos na fala, além de questões relacionadas à interação e à concentração. Após uma investigação, Mathias recebeu o diagnóstico de autismo aos 2 anos e meio. A família atribui grande importância a esse diagnóstico, pois agora compreendem melhor o filho e como estimulá-lo. Essa compreensão familiar é fundamental para o progresso de uma criança com TEA.

> Embora, o diagnóstico de TEA possa representar um desafio para os familiares, observa-se, que a compreensão sobre o TEA e os sentimentos positivos da família pela criança, superam as dificuldades e impasses, mediante afeto e ensinamentos adquiridos nessa relação. Dessa forma, as condições emocionais dos pais aumentam a efetividade de processos de intervenção precoce. Essas evidências sinalizam a importância de um olhar recíproco entre os efeitos da criança com TEA no sistema familiar e o impacto do contexto familiar sobre a criança com TEA em função do papel das relações familiares que estão envolvidas nos processos sociais e comunicativos associados ao TEA (Macedo *et al*, 2021, p. 152).

No caso de Julia, seus pais inicialmente consideravam seu comportamento agitado como resultado de ser a única filha e estar mimada. A escola, no entanto, percebeu a dificuldade de Julia em interagir com outras crianças e em acompanhar as atividades propostas. Após consultar uma neurologista, o diagnóstico de autismo foi confirmado, embora, durante o tratamento de habilidades sociais, a especialista levantasse a possibilidade de TDAH. Apesar das incertezas sobre o diagnóstico, a insistência dos pais em reconhecer o TEA foi clara.

Um aspecto crucial é que muitos na família e na comunidade duvidavam da capacidade de Julia para ser alfabetizada. Contudo, seu interesse pela música do abecedário da Xuxa despertou seu gosto pelas letras, o que foi fundamental para seu desenvolvimento.

A preocupação dos pais com o futuro de Julia é palpável, refletindo-se em uma fala da mãe: "[...] O presente é algo que não me preocupa, porque eu tô aqui [...] eu não consigo imaginar a Julia sem mim, então eu tenho essa preocupação, mas o futuro é algo que me deixa desesperada." (Cena do documentário *Meu Mundo Interior*, Episódio 3; 11m 30s)

Isabela, aos 6 meses, apresentou sinais de hipotonia[16] e, com 7 meses, começou a fisioterapia, mas os marcos de desenvolvimento não se concretizaram. Inicialmente diagnosticada com transtorno global do desenvolvimento e plasticidade neural, aos 4 anos, um

[16] Hipotonia é a diminuição (hipo) do tônus muscular (tonia) e da força na criança. Enquanto os bebês saudáveis flexionam os cotovelos, joelhos e mexem muito a cabeça de um lado para o outro, nas crianças com hipotonia, o comportamento é diferente.

exame genético revelou uma deleção no cromossomo 22, resultando no diagnóstico de síndrome de Phelan-Mcdermid[17], que está relacionada ao TEA. Isabela se comunica por meio do Picture Exchange Communication System (PECs)[18].

A escola, ao receber as PECs, adaptou seu conteúdo para permitir a participação de Isabela, evidenciando o valor do trabalho colaborativo. Como destaca uma fala do documentário: "O trabalho em conjunto no caso da Isa foi o que deu certo; conseguimos implementar o que a fisio precisava na aula de educação física. O que mais faz a Isa evoluir é todo mundo exigir a mesma coisa." (Cena do documentário *Meu Mundo Interior*, Episódio 4; 6m 28s). Matsumoto (2012, p. 14) destaca que

> [...] é preciso que os pais da criança especial estejam empenhados para o bem comum juntamente com os profissionais especializados nessa questão. Somente com capacitação e um esforço conjunto da escola e família, será possível propiciar um ótimo desenvolvimento psíquico e motor para a criança especial.

Outro aspecto importante é a relação de Isabela com seus colegas: "[...] Não é só a Isa que aprende, todo mundo aprende. A gente brinca que atualmente as crianças são especialistas na Isa, elas sabem como apresentar uma coisa nova para ela." (Cena do documentário *Meu Mundo Interior*, Episódio 4; 7m 55s)

Enzo apresentou atraso motor até o primeiro ano de vida, e com o tempo, começou a apresentar mais sinais de TEA, como a diminuição da interação, resposta a estímulos e o surgimento de estereotipias. Embora a mãe não o tenha matriculado na escola devido ao medo de crianças maiores e à imunidade baixa, ele participa regularmente de sessões com fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais. Em uma cena significativa, a mãe expressa sua dedicação e as dificuldades que enfrenta: "A gente é engolido, né [...]. Nós somos engolidos pelo autismo [...] me sinto em uma convocação de uma batalha que não tem hora pra acabar." (Cena do documentário *Meu Mundo Interior*, Episódio 5; 9m 00s)

Ela também destaca a importância de não comparar Enzo a outras crianças: "Eu não posso comparar o Enzo a qualquer outra pessoa, eu devo comparar a ele mesmo, e uma vez isso feito, eu tenho certeza que ele vai ficar cada vez melhor." (Cena do documentário *Meu Mundo Interior*, Episódio 5; 10m 20s).

---

[17] É uma síndrome de microdeleção cromossómica, caracterizada por hipotonia neonatal, atraso global no desenvolvimento, crescimento normal a acelerado, ausência ou retardo grave na aquisição da fala e características dismórficas menores.

[18] O PECS (*Picture Exchange Communication System*) é atualmente um dos programas de comunicação mais utilizados mundialmente para crianças autistas não verbais. Esse sistema é composto por figuras/fotografias selecionadas de acordo com o repertório lexical de cada sujeito e envolve não apenas a substituição da fala por uma figura, mas também incentiva a expressão de necessidades e desejos.

Robertinho, por sua vez, apresentou sinais de TEA desde os 6 meses. Após iniciar terapia ocupacional aos 8 meses devido à hipotonia, ele começou a andar com 1 ano e meio. Ele demonstrava ausência de intenção comunicativa e interações sociais, com comportamentos repetitivos que o feriam. Ao mudar de escola, a família ficou assustada, mas reconheceu que o ambiente educacional e a interação com colegas e professores foram fundamentais para seu desenvolvimento: "Aos poucos ele foi se acostumando, e a gente também foi aprendendo a lidar com ele." (Cena do documentário *Meu Mundo Interior*, Episódio 6; 7m 23s).

A escola apresenta um papel importante, ele vinha de outra escola com poucos recursos e um grande número de alunos com deficiências, quando ele muda de escola, ambas eram públicas, na atual o número de crianças com deficiência é menor e por isso e a família decide por deixar ele.

> Quando ele chegou aqui foi difícil, a gente ficou assustado, ele também ficou muito assustado [...] Aos poucos ele foi se acostumando e a gente também foi aprendendo a lidar com ele [...] Eu ainda tô aprendendo, sempre fico me questionando, como seria pra ensinar Beto. (Cena do documentário meu mundo interior - EPISODIO 6; 7m 23s)

Uma questão muito mencionada durante o episódio do Robertinho é como a presença da escola, os colegas, o professor de da escola e a babá dele contribuíram para o desenvolvimento dele, principalmente em relação com as interações sociais.

Eric no primeiro ano de vida não apresentava nenhum sinal de déficit no desenvolvimento, no ano seguinte, os sinais começaram a aparecer, como um dos primeiros foi o fato dele não responder a estímulos, a ser chamado, acharam que ele era uma pessoa surda, a família procurou ajuda medica e sem resposta conclusiva, e podia ser imperativo. Mas depois de um tempo, não especificou, ele recebe o primeiro diagnóstico de síndrome abrangente não especificadas. A família começou a deixar ele desenvolvendo várias atividades, natação, inglês, academia, etc. Ele recebe então o diagnóstico final sendo como a síndrome de Asperger. Mas a atividade que ele mais se identificou foi o teatro, e se desenvolveu com maestria.

Segundo a Mãe o Eric se destacou no teatro, enquanto outros se intimidavam com a vergonha e o medo, o Eric desempenhou seu papel sem qualquer problema. O fato de o Eric ser o único adulto no documentário é importante, mas existe uma fala que evidência uma ideia sobre como o sistema foi feito pra normalizar crianças e isso tem sido aceito com bons olhos.

> Muito difícil a gente se colocar no lugar deles, por que eles não pensam como a gente. E vários deles, adultos, dizem claramente "olha, eu não quero mudar, eu quero que me entendam como eu sou." Isso em um adulto tem que ser respeitado, numa criança a gente acaba tratando, por que acha que o melhor é ser normal. (Cena do documentário meu mundo interior - EPISODIO 6; 11m 38s)

Mantoan (2006, p. 219, kindle) destaca que “escola insiste em afirmar que os alunos são diferentes quando se matriculam em uma série escolar, mas o objetivo escolar, no final desse período letivo, é que eles se igualem em conhecimentos a um padrão que é estabelecido para aquela série [...]”.

A análise dos filmes sobre autismo revela a complexa relação entre as estereotipias dos alunos com TEA e o contexto educacional em que estão inseridos. As produções destacam a importância de um ambiente escolar acolhedor e adaptado, onde educadores, familiares e colegas se unem para promover o desenvolvimento e a inclusão. Além disso, evidenciam que o reconhecimento das singularidades de cada indivíduo no espectro é fundamental para superar preconceitos e preconceitos, permitindo que esses alunos se expressem e aprendam de maneira significativa, valorizando suas habilidades e talentos únicos.

Portanto fica evidente como o filme em questão nos traz um aspecto importante, que em cada pessoa que foi retratada no documentário sua singularidade é respeitada, e fica claro a diferenças de ambos os personagens, mesmo diante dos mesmos diagnósticos. A diferença como cada família vê e lida com o TEA, e como cada instituição se esforça para proporcionar um ambiente acolhedor e inclusivo.

6. CONCLUSÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) é uma condição neurológica que se manifesta de diversas maneiras, impactando a forma como os indivíduos percebem o mundo e interagem com ele e os estereótipos em torno do TEA podem variar desde a imagem do "gênio" com habilidades excepcionais, como ocorre em filmes icônicos, até a representação do autista como uma pessoa isolada, incapaz de formar relações sociais. Esses padrões reducionistas não apenas distorcem a realidade vivida por muitas pessoas com autismo, mas também influenciam a maneira como a sociedade os vê e interage com eles. Como resultado, é crucial analisar criticamente essas representações e compreender como elas moldam as narrativas em torno do autismo.

Mediante o exposto podemos observar como ambos os filmes nos apresentam percepções diferentes sobre o autismo. O primeiro filme, apesar de ser baseado em fatos reais, em sua produção nos traz uma visão estereotipada e simplista do espectro, onde eles passam de crianças autistas que apresentavam nenhum interesse no outro e no partilhar, para que de maneira romantizada a evolução deles passe a ser de crianças prodígios e que socializam. Além de evidenciar o despreparo da instituição para com eles, o filme reforça esses estereótipos

engessados, numa perspectiva normalizadora, revelando como há onze anos atrás se tinham visões limitadas do espectro.

Por outro lado, podemos considerar que o documentário vem como um contra ponta ao primeiro, enfatizando que mesmo diante do mesmo diagnostico existe a importância de entendermos as especificidades de cada um. As crianças e famílias apresentadas nessa produção nos traz que é difícil e árduo conviver com o diagnóstico, com as lutas diárias, com os tratamentos, além do impacto que a notícia carrega. Logo, sendo importante notar como as instituições que recebem cada criança perceberam a importância de uma educação inclusiva e se propuseram a se adaptar e fazer valer os direitos que as crianças com TEA tem, sem precisar criar turmas só para elas, e em diversas cenas ao longo do documentário essas crianças estão em contexto escolar no ensino regular e juntas com todas as outras crianças tidas com típicas.

Portanto forma como é abordado o TEA pode indisputavelmente impactar o entendimento das pessoas. A dramatização de comportamentos autistas em contextos fictícios pode gerar empatia, mas também pode resultar em desentendimentos e preconceitos. Ao examinar essas representações, podemos identificar os elementos que reforçam estereótipos prejudiciais e aqueles que promovem uma imagem mais realista, como é o caso do documentário, e multifacetada do autismo. Como destaca Goulart; Assis (2002, p. 153), “Essas diferenças na história de vida de cada pessoa refletem-se em repertórios diferenciados que não são, necessariamente, contemplados pela categorização apresentada pelo manual [...]”. Apesar dos avanços, a existência das informações imprecisas e a falta de conhecimento sobre o TEA traz prejuízos aos próprios autistas e a sua família, aumentando o despreparo de professores e outros profissionais que lidam com elas, mantendo e gerando preconceitos.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José; FRIEDRICH, Deise Leite Bittencourt. O papel do professor na Educação Inclusiva. **Revista faculdade famen |** reffen | issn 2675-0589, *[S. l.]*, v. 2, n. 1, p. 52–67, 2021. DOI: 10.36470/famen.2021.r2a08. Disponível em: https://revistafamen.com.br/index.php/revistafamen/article/view/19. Acesso em: 24 set. 2024.

BIALER, Marina ; VOLTOLINI, Rinaldo. Autismo: história de um quadro e o quadro de uma história. **Psicologia em Estudo**, v. 27, p. e45865, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/Gd3KgdZhpWFdTHrgbDRNr5S/# Acesso em: 24 set 2024

American Psychiatric Association (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARROS NETO, Sebastião Gonçalves de; BRUNONI, Decio; CYSNEIROS, Roberta Monterazzo. Abordagem psicofarmacológica no transtorno do espectro autista: uma revisão narrativa. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, [S.L.], v. 19, n. 2, p. 38-60, ago. 2019. GN1 Sistemas e Publicacoes Ltd.. http://dx.doi.org/10.5935/cadernosdisturbios.v19n2p38-60. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072019000200004. Acesso em: 02 set. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Estatuto da Pessoa com Deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 13 mar. 2024

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 14 mar. 2024

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. Linha de Cuidado para a atenção às pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf Acesso em 4 abr. 2024

BRASIL. Constituição (1986). Lei nº 12.796, de 04 de abril de 2013. **A Presidência da República.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm. Acesso em: 22 nov. 2023.

BRASIL. Constituição (2011). Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. **A Presidência da República**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm. Acesso em: 29 nov. 2023.

BRASIL. Constituição (2015). Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa Com Deficiência**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 29 nov. 2023.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 47-53, maio 2006. EDITORA SCIENTIFIC. http://dx.doi.org/10.1590/s1516-44462006000500007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbp/a/FPHKndGWRRYPFvQTcBwGHNn. Acesso em: 01 set. 2024.

BUENO, Josiane Jocoski; BUENO, Sávio; PORTILHO, Evelise Maria Labatut. Aspectos históricos da educação inclusiva no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, p. e023038, 2023. DOI: 10.21723/riaee.v18i00.17822. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17822. Acesso em: 29 nov. 2023.

CARVALHEIRA, Gianna; VERGANI, Naja; BRUNONI, Décio. Genética do autismo. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, [S.L.], v. 26, n. 4, p. 270-272, dez. 2004. EDITORA SCIENTIFIC. http://dx.doi.org/10.1590/s1516-44462004000400012.

CAMARGO, Síglia Pimentel Höher; RISPOLI, Mandy. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Educação Especial**, *[S. l.]*, v. 26, n. 47, p. 639–650, 2013. DOI: 10.5902/1984686X9694. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/6994. Acesso em: 2 set. 2024.

D'ANTINO, Maria Eloisa; BRUNONI, Décio; SCHWARTZMAN, José Salomão. Contribuições para a inclusão escolar de alunos com necessidades especiais: estudos interdisciplinares em educação e saúde em alunos com Transtornos do Espectro do Autismo no município de Barueri, SP. **PROESP Programa De Educação Especial.** São Paulo, 2015. Disponível em: https://l1nq.com/OlgAD Acesso em: 11 de mar. 2024.

DIAS, Amanda Regina Martins; CASTILHO, Katlin Cristina de; SILVEIRA, Viviane da Silva**.** Uso e interpretação de imagens e filmagens em pesquisa qualitativa. **Ensaios Pedagógicos**, *[S. l.]*, v. 2, n. 1, p. p.81–88, 2018. Disponível em: https://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/66. Acesso em: 17 jun. 2024.

DUARTE, Regina Célia Beltrão. Hipotonia na infância. **Residência Pediátrica**, Belém do Pará, v. 8, supl. 1, p. 40-44, 2018. Disponível em: https://residenciapediatrica.com.br/detalhes/340/hipotonia%20na%20infancia>. Acesso em: 23 set. 2024.

EM UM Mundo Interior: Ficha técnica completa**. Filmow.** 2018. Disponível em: https://filmow.com/em-um-mundo-interior-t256233/ficha-tecnica/. Acesso em: 01 out. 2024.

ESPECIAL Missão: Ficha técnica completa. **Filmow**. 2018. Disponível em: https://filmow.com/em-um-mundo-interior-t256233/ficha-tecnica/. Acesso em: 01 out. 2024.

FERNANDES, Conceição Santos; TOMAZELLI, Jeane; GIRIANELLI, Vania Reis. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. **Psicologia Usp**, [S.L.], v. 31, p. 1-10, out. 2020. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e200027. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pusp/a/4W4CXjDCTH7G7nGXVPk7ShK/?lang=pt#. Acesso em: 28 abr. 2024

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, [S.L.], v. 35, n. 3, p. 20-29, jun. 1995. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s0034-75901995000300004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?lang=pt. Acesso em: 17 jun. 2024.

GOMES, Roberia Vieira Barreto; FIGUEIREDO, Rita Vieira de; SILVEIRA, Selene Maria Penaforte; FACCIOLI, Ana Maria (org.). Políticas de inclusão escolar e estratégias pedagógicas no atendimento educacional especializado. Fortaleza: **Ufce,** 2016. 188 p.

GUPTA, Abha R; STATE, Matthew W. Autismo: genética. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 29-38, maio 2006. EDITORA SCIENTIFIC. http://dx.doi.org/10.1590/s1516-44462006000500005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbp/a/JNHPsJRR7zc8fN57F9Gsf4s/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 10 abr. 2024.

GOULART, Paulo; ASSIS, José Alves de. Estudos sobre autismo em análise do comportamento: aspectos metodológicos. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, *[S. l.]*, v. 4, n. 2, p. 151–165, 2002. DOI: 10.31505/rbtcc.v4i2.113. Disponível em: https://rbtcc.com.br/RBTCC/article/view/113. Acesso em: 25 set. 2024.

LEITE, Nildes Raimunda Pitombo; PITOMBO LEITE, Fábio; TAKERISSA NISHIMURA, Augusto; BATISTA DA SILVA , Marco Antonio; GOMES DOS SANTOS ,Emerson. ANÁLISE FÍLMICA EM PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO: SABENDO O PORQUÊ E COMO UTILIZÁ-LA. **Gestão & Regionalidade**, *[S. l.]*, v. 37, n. 112, 2021. DOI: 10.13037/gr.vol37n112.7666. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_gestao/article/view/7666. Acesso em: 17 jun. 2024.

LIMA, Rossano Cabral. A construção histórica do autismo (1943-1983). **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, v. 36, p. 109-123, 2014. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/RossanoLima/publication/348169211_A_construcao_historica_do_autismo_19431983_The_historical_construction_of_autism_19431983/links/5ff214d392851c13fee75773/A-construcao-historica-do-autismo-1943-1983-Thehistorical-construction-of-autism-1943-1983.pdf Acesso em 01 de mar. 2024

MACÊDO, Antônia Gabriela Aragão de Oliveira; FREITAS, Cibelly Aliny Siqueira Lima; SILVA, Maria Adelane Monteiro da; MELO, Etelvina Sampaio: MAZZA, Verônica de Azevedo; OLIVEIRA Camila Martins de; ROSA, Benedita Shirley Carlos. (2021). Percepções e sentimentos de famílias de crianças com transtorno do espectro autista. **Saúde Coletiva (Barueri)**, *11*(68), 7555–7564. https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2021v11i68p7555-7564. Disponível em: https://revistasaudecoletiva.com.br/index.php/saudecoletiva/article/view/1831/2176. Acesso em 05 set. 2024.

MAIA, Fernanda Alves; ALMEIDA, Maria Tereza Carvalho; OLIVEIRA, Liliane Marta Mendes de; OLIVEIRA, Stéffany Lara Nunes; SAEGER, Vanessa Souza de Araújo; OLIVEIRA, Victória Spínola Duarte de; SILVEIRA, Marise Fagundes. Importância do acolhimento de pais que tiveram diagnóstico do transtorno do espectro do autismo de um filho. **Cadernos Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 24, n. 2, p. 228-234, jun. 2016. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/1414-462x201600020282. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cadsc/a/n6ZpCNpT9cSjLWVxVvVrYMr/. Acesso em: 05 set. 2024.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér e PRIETO, Rosângela Gavioli. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2006.

MANTOAN, **Maria Teresa Eglér. Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** (Coleção Novas Arquiteturas Pedagógicas). São Paulo: Summus, 2003.

MATSUMOTO, André Suehiro; MACEDO, Adriane Roberta Ribeiro de. A importância da família no processo de inclusão. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, *[S. l.]*, v. 3, n. 9, p. 5–15, 2012. Disponível em: https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/546. Acesso em: 24 set. 2024.

MENDES, Enicéia. **Inclusão Escolar:** o desafio do professor . São Paulo: Editora Cortez, 2014.

OBSERVATÓRIO DO AUTISTA. Um resumo de 15 instrumentos diagnósticos utilizados para avaliação do transtorno do espectro do autismo. **Observatório do Autista**, 1 ago. 2020. Disponível em: https://observatoriodoautista.com.br/2020/08/01/um-resumo-de-15-instrumentos-diagnosticos-utilizados-para-avaliacao-do-transtorno-do-espectro-do-autismo/. Acesso em: 10 out. 2023.

PICCOLO, Gustavo Martins. For The Right To Learn: Contributions Of The Social Model Of Disability To School Inclusion. **SciELO Preprints**, 2021. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.3051. Disponível em: https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3051 . Acesso em: 23 set. 2024.

PHELAN, Dr Mary (org.). **Conhecimento sobre doenças raras e medicamentos órfãos**: síndrome phelan-mcdermid. Síndrome Phelan-McDermid. Disponível em: https://www.orpha.net/pt/disease/detail/48652. Acesso em: 23 set. 2024.

PEREIRA, Jaquelline Andrade; SARAIVA, Joseana Maria. **Trajetória histórico social da população deficiente**. **Ser Social**, [S.L.], v. 19, n. 40, p. 168-185, 20 set. 2017. Biblioteca Central da UNB. http://dx.doi.org/10.26512/ser_social.v19i40.14677.

SANTOS, João Vitor. O Que é Condicionamento Operante? 2023. **Blog PsyMeet**. Disponível em: https://www.psymeetsocial.com/blog/artigos/o-que-e-condicionamento-operante. Acesso em: 02 set. 2024.

PONCE, Joice Otávio; ABRAO, Jorge Luís Ferreira. Autismo e inclusão no ensino regular: o olhar dos professores sobre esse processo. **Estilos clin**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 342-357, ago. 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571282019000200014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 28 abr. 2024. http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v00i0p342-357.

ROPOLI, Edilene Aparecida; MANTOAN, Maria Teresa Eglér; SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos; MACHADO, Rosângela **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, v. 1, p. 1-48, 2010 [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, n. 2, p. vvi, 2007.

SEDUC/GO. **Diretrizes Operacionais da Rede Pública Estadual de Educação de Goiás** 2024-2025. Goiânia-GO, 2024.

SANTOS, Patricia de Almeida, BORDINI, Daniela; SCATTOLIN, Monica. O impacto da implementação do *Picture Exchange Communication System* - PECS na compreensão de instruções em crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. **CoDAS**, v. 33, n. 2, p. e20200041, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/codas/a/szd53kdzcjVsFj8Gps9nY5S/#. Acesso em: 23 set. 2024

SILVA, Micheline; MULICK, James A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 116-131, 2009. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 4 abr. 2024.

SHAW, Gisele Soares Lemos; LEANDRO, Leonésia; OLIVEIRA, Rafaela Rocha. Discutindo mitos e verdades sobre o autismo: contribuições de uma palestra para compreensão do transtorno do espectro autista. **Rev. estud. exp. educ.**, Concepción , v. 20, n. 43, p. 17-33, abr. 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.21703/rexe.20212043soares1. Diponivel em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-51622021000200017. Acesso em 24 set. 2024.

TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasilia Maria. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger**. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, [S.L.], v. 13, n. 3, p. 296-299, 2008. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s1516-80342008000300015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rsbf/a/4R3nNtz8j9R9kgRLnb5JNrv/. Acesso em: 28 abr. 2024.

TAVEIRA, Maria das Graças Monte Mello, CORREIA, Divanise Suruagy ; COELHO, Jorge Artur Peçanha de Miranda. Transtornos do espectro autista: visão de discentes dos cursos de medicina e enfermagem de uma universidade pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 6, p. 1853–1862, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/pkSzp93p64y7B6QrXR6PFpQ/#. Acesso em: 08 out 2024.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 3-11, maio 2006. EDITORA SCIENTIFIC. http://dx.doi.org/10.1590/s1516-44462006000500002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbp/a/jMZNBhCsndB9Sf5ph5KBYGD/. Acesso em: 01 mai 2024